



HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS DOCENTES: MEMÓRIAS, SENTIDOS E DILEMAS DA PROFISSIONALIZAÇÃO

VINICIUS SILVA SANTOS

JACQUES FERNANDES SANTOS

MAIRA ARAÚJO SILVA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo analisar nas histórias de vida e narrativas docentes buscando descortinar o processo de formação através do vivido. Os principais autores utilizados para fundamentar essa pesquisa foram: Josso (1999; 2004), Le Goff (2003), Moita (2007), Nóvoa (1992; 2000; 2005; 2007), Perrenoud (1995; 2000) e Souza (2006; 2011). A metodologia utilizada nessa pesquisa centraliza-se no significado humano da vida social e no seu esclarecimento e exposição por parte da/o pesquisadora/o, logo, a natureza dessa pesquisa é qualitativa. O método utilizado foi História de Vida. Os resultados obtidos nessa pesquisa dão realce ao emprego da metodologia História de Vida, pois foi possível compreender significadamente através das narrativas docentes, que a autorreflexão das experiências vivenciadas ao longo de suas trajetórias dão a possibilidade de perceberem as razões e as consequências de suas ações e assim começarem a dar um novo sentido as suas práticas formativas no contexto atual, podendo assim redimensioná-las.

Palavras-chave: Histórias de Vida; Narrativas Docentes; Autorreflexão; Prática Formativa.

RESUMÉ

Ce travail visait à analyser les histoires de vie et des récits des enseignants cherchant à dévoiler le processus de formation par le biais vécu. Les principaux auteurs utilisés pour soutenir cette recherche étaient: Josso (1999; 2004), Le Goff (2003), Moita (2007), Nóvoa (1992; 2000; 2005; 2007), Perrenoud (1995; 2000) et Souza (2006; 2011). La méthodologie utilisée dans cette recherche se concentre sur le sens de la vie humaine et sociale de votre clarification et l'exposition par le / la chercheur / o, de sorte que la nature de cette recherche est qualitative. La méthode utilisée est l'histoire de vie. Les résultats obtenus dans cette recherche mettent l'accent sur l'utilisation de la méthodologie histoire de la vie, parce qu'il était possible de comprendre significadamente travers enseignants récits, l'auto-réflexion des expériences vécues le long de ses sentiers donnent la possibilité de réaliser les raisons et les conséquences de leurs actions et alors ils ont commencé à donner un nouveau sens à leurs pratiques de formation dans le contexte actuel, étant ainsi en mesure de les redimensionner.

Mots-clés: Histoires de vie; Enseignants récits; L'auto-réflexion; La pratique formative.

INTRODUÇÃO

As histórias de vida são elementos narrativos capazes de ajudar a entender e/ou revelar os caminhos pelos quais nos

constituímos. Especificamente, em relação à formação de professoras/es podem ser visto como resultado de uma ação da memória que retoma as experiências de vida-formação. De pronto, vida e profissão estão diretamente relacionadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas, as quais delimitam um espaço onde o indivíduo, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas idéias e reconstrói sua vivência de maneira autorreflexiva, sendo, portanto, um grande suporte para a compreensão das experiências formativas.

Sendo assim, cada sujeito tem uma história de vida, marcada, sobretudo por traços singulares, únicos e exclusivos, pois as histórias de vida não são generalizáveis. Trata-se de uma atividade onde o indivíduo separa-se de si através dos seus relatos no intuito de compreender e refletir sobre si mesmo como artefato de autoconhecimento. Na profissão docente, as histórias de vida simbolizam uma significativa opção para a reflexão e atuação no que diz respeito à difícil condição na qual se depara a/o profissional docente, seus sentimentos e anseios.

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2015 no âmbito da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII, cujo objetivo foi: 1) **compreender** como se constitui a profissionalização docente no decorrer das histórias e narrativas de vida das educadoras, de modo a **entender** como se estabeleceu a relação entre a vida pessoal e profissional na trajetória da profissionalização docente das professoras e **analisar** os sentidos atribuídos pelas professoras à profissionalização docente frente aos dilemas educacionais contemporâneos.

2 HISTÓRIAS DE VIDA E AUTOBIOGRAFIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

No atual desenvolvimento das pesquisas educacionais, são cada vez mais crescentes as pesquisas que evidenciam a importância nas análises sobre Histórias de vida na formação de professoras/es. De acordo com Souza & Fornari (2008), as pesquisas de Histórias de Vida, na área educacional, centralizam na pessoa da/o professora/professor. Logo, os aspectos assumidos por essa pesquisa implicam a aceitação de um tipo de abordagem que mantém o interesse pela/o professora/es, e não apenas por suas práticas de ensino, mas também para direcionar o olhar para a importância de se compreender os sentidos e valores construídos pela/o professora/es acerca de sua profissão, no campo de interação entre as dimensões pessoal e profissional.

Na procura por novos olhares sobre as pesquisas com profissionais docentes, a Escola de Chicago, deu origem à metodologia com a história oral e a pesquisa antropológica, que, gradualmente, auxilia as pesquisas biográficas (entre elas a história de vida) no meio acadêmico, por volta do século XX, na Polônia. Os primeiros sociólogos a usarem esse método foram W.I. Thomas (1863-1947) e F. Znanieski (1882-1958). As pesquisas desenvolvidas na Escola de Chicago tinham como finalidade gerar informações favoráveis para a resolução de problemas sociais enfrentados na cidade de Chicago naquela época. Segundo Nóvoa (2007), tais pesquisas deram início à possibilidade de uso sobre essa metodologia no campo do pensamento científico.

A partir de então, o caminho para a utilização da história de vida na formação docente começou a torna-se conhecido. No ano de 1988, quando Antônio de Nóvoa em parceria com Mathias Finger, publicaram a obra intitulada O método Auto (Biográfico) e Formação, e logo em seguida publicou outro livro intitulado “A Vida de professores”. Segundo Nóvoa (2000) com a publicação de A Vida de Professores em 1992, a situação já tinha mudado consideravelmente, pois antes não tinha qualquer significado em relação às práticas e as metodologias ainda eram analisadas como sendo de pouca consistência.

Sendo assim, o uso das histórias de vida nas pesquisas educacionais expandiu as possibilidades e visão sobre o objeto de pesquisa, tomando a pessoa como sendo um ser social imbuído de uma história como pessoal e profissional. Dessa forma, o movimento surgiu no mundo pedagógico, numa mistura de vontades e tentativas de produzir outro tipo de ciência, que também abarcasse as realidades educativas e do cotidiano das/os docentes, observa Nóvoa (2007).

Nesse escopo, mesmo que a História de Vida no campo educativo tenha sofrido variadas críticas por cientistas da área da psicologia e sociologia, ao considerarem que a mesma não apresentaria fundamento metodológico, Nóvoa (2007, p. 19) afirma que, “é inegável, pois, as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes”.

É através do processo de autorreflexão sobre sua vida, que a pessoa exprime sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo. Dessa forma, a partir do relato de vida da/o docente, é possível revelar sua vontade e

perspectiva ante a sua profissão e sua vida pessoal. Goodson (2000, p.73) afirma que “experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos e dos nossos sentidos”. O conceito que a/o professora/professor constrói de si mesma/o e ante a coletividade faz parte de um processo constitutivo de sua identidade profissional.

Nesse limiar, Souza (2006) ilustra a respeito de história de vida e formação como uma arte de contar e trocar experiências, no qual as relações entre as histórias de vida da/o professora/professor e da/o pesquisadora/pesquisador, na realidade é uma troca de experiência que dá alma e autenticidade à pesquisa. Posto isso, a história de vida torna-se única, uma vez que a/o participante fala sua história, narra sua vida, é um momento único, pois é o momento da/o pesquisadora/pesquisador e da/o participante, o que ambas/os comungam não tem como se repetir. Contudo, é justamente isso que torna a história de vida cheia de pormenores.

A História de vida das/os docentes permite que as/os mesma/os se exponham e falem sobre suas experiências, sentimentos, fatos e emoções pelas quais passam e/ou passaram. As histórias de vida docente tornam-se uma possibilidade de reconstruir o passado, as informações que podem vir a ser confrontadas na realidade, com o objetivo de refletir sobre seu futuro, de modo que, a/o professora/professor ao relatar sua história de vida, poderá aproveitar essa autorreflexão e reprojeter o futuro.

De acordo com Bello (2002) as histórias de vida proporcionam momentos que dão significado e conexão à vida, devendo ser pontuados pela/o pesquisadora/pesquisador. De outro modo, a autobiografia não tem fim, pois a vida de uma pessoa se amplia até o infinito e pode ser relatada de várias formas, passando por novas interpretações e novos significados. As Histórias de Vida passam a existir na contemporaneidade como um instrumento pedagógico no processo da formação docente, permitindo assim a/o professora/professor narrar sua própria história sendo autora/autor e interprete de sua própria experiência de vida.

A formação docente é um lugar onde os conhecimentos e as práticas vão sendo ressignificado e recontextualizados, organizando-se em um espaço de formação de novas informações, de trocas de outros conhecimentos, de reconsiderar e renovar a prática da/o professora/professor e da constituição de novas habilidades.

Logo, os relatos das histórias de vida pressupõem uma qualidade de formador por si próprio, porque põe o sujeito em um campo reflexivo de tomada de consciência sobre sua experiência, sentidos e conhecimentos que foram adquiridos ao longo da vida e deste modo, vislumbrar possibilidades formativas construídas a partir de suas experiências de vida, ressalta Bolívar (2002). É importante dar voz a/o professora/professor, porém, é necessário ressaltar que não é suficiente simplesmente ouvi-la, é imprescindível oportunizar momentos nos quais, a partir das reflexões, seja possível enxergar com mais clareza e consciência como as/os mesmas/os vem tecendo essa formação e se tornando professoras e professores. Por isso mesmo, Moita (2007) fala que é necessário compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Para tanto, a formação compreende muito mais do que a própria pessoa, pois envolve ao mesmo tempo outras pessoas em um processo constante de troca de interações.

3 MEMÓRIA-FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Entender a vida do outro com a perspectiva de reconstruir histórias, é uma das finalidades significativas para compreender a formação de professoras/es centrada em memória. A memória em geral é formada mediante do saber social, cultural e com isso permite a constituição histórica de uma determinada sociedade ou grupo social. Sua cultural e socialização de um povo.

A memória refere-se à habilidade mental de armazenamento de informações, sejam de experiências ou de conhecimentos obtidos ao longo do tempo. Segundo o dicionário de filosofia Nicola Abbagnano a memória é a “possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente” (Abbagnano, 2007, p.657).

A memória permite a similaridade do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, influencia no processo atual de representações. Pois é a conversação do passado que resiste em estado consciente e é chamado pelo presente em formato de lembrança, assim afirma Bosi (1994). A lembrança no ponto de vista de Halbwachs (2006) é uma

reconstrução do passado com auxílio de dados tomados do presente por empréstimo.

Dessa forma, a memória tem a habilidade de ser atualizada de acordo com a história, desempenhando uma função determinante para que o conhecimento não se perca ao longo do tempo. Nesse caso, a preocupação com a memória e seu desempenho vem sendo estudada há tempos, de modo que seu conceito ao longo dos tempos vem modernizando e se ajustando às utilizações sociais. Por isso, cada época buscou esclarecer a memória utilizando-se de símbolos, estabelecidos em volta de dados que diferenciavam o momento histórico.

Da época em que se proporcionou o desenvolvimento da memória pela oralidade até a manifestação da escrita, ou seja, da Pré-História até a Antiguidade, Le Goff (2003), assegura que existiu uma modificação da memória coletiva, pois, os homens passaram a registrar as suas experiências e as suas conquistas em modelos escritos. Todavia, quando a escrita passa a ser constituída em documentos escritos, acontece uma melhoria, de modo que surgiu a capacidade de registrar, memorizar e reordenar os acontecimentos ocorridos. Assim sendo, a escrita permitiu os treinamentos de memória.

O autor ainda enfatiza que a história e a memória estão relacionadas, no entanto uma não pode sobrepor à outra em consequência de suas características como pessoas, lugares, conhecimentos que transformam a partir do olhar que cada pessoa lança sobre estes, aonde a memória não pode ser avaliada como poder, onde se escolhe o que deve ou não ser lembrado, pois, precisamos lembrar que ela é um instrumento fundamental do que se habitua titular identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.

Consideramos a memória como estabelecida coletivamente e apto a mudanças constantes, isto é, nossa memória não é somente individual, porém coletiva, suscetível de uma pluralidade de experiências vivenciadas por indivíduos e grupos sociais que não estão estagnados no tempo, no entanto em constante reconstrução. Nesse sentido, Halbwachs (2006), diz que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, conseqüentemente, as nossas lembranças são, da mesma silueta que nossos conceitos, reflexões e sentimentos, constituídas por um grupo específico, são compartilhadas por indivíduos e grupos sociais com os quais nos relacionamos. Já a memória coletiva é referente a uma identidade coletiva que explica uma experiência e um passado vividos por participantes de um mesmo grupo.

Nessa conjuntura, Souza (2006), relata que,

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas e das dimensões existenciais do sujeito narrador. É evidente que a memória inscreve-se como uma construção social e coletiva e vincula-se às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. A relação entre memória e esquecimento revela sentidos sobre o dito e o não dito nas histórias individuais e coletivas dos sujeitos, marca dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas. O não dito vincula-se as recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo e ou de uma experiência (p.4).

No que diz respeito à formação em educação a memória se apresenta numa perspectiva crítico-reflexiva, que fornece as/os professoras/es a oportunidade de refletir sobre sua vida profissional. Trabalhar com a memória, reconstruída através da história de vida, é de fato dar voz e é ouvir aquelas/es professoras/es que vivenciaram e/ou vivenciam a heterogeneidade cultural, avaliando seus saberes, reverenciando o valor e a idoneidade de cada indivíduo. São conhecimentos adquiridos ao longo de toda uma vida. Por meio da memória, as/os professoras/es revestir-se-ão com os conhecimentos que têm e que permeiam sua atuação pedagógica no desenvolvimento da profissão.

Esta arte rememorativa, possibilitará as/os professoras/es uma conversação entre conhecimentos, saberes e experiências, atuando como disparadores da reflexão sobre si e sobre sua prática profissional. Para Tardif (2002), os saberes das/os professoras/es são sociais porque são compartilhados por todo um grupo de professoras/es e autenticados pelo direito e uso de um sistema, porque suas próprias práticas são sociais, porque desenvolvem com a sociedade e são obtidos em um contexto de socialização profissional relevância denota não só a formação do indivíduo dentro de um grupo, mas favorece para a concepção.

4 HORIZONTES METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As pesquisas sobre as histórias de vida e narrativas da profissão docente, no entorno das mudanças sociais ocorridas na contemporaneidade tem se revelado como alternativa interessante para a compreensão do cotidiano da prática docente e sua relação com o campo da pesquisa na produção científica. Nesse sentido, as pesquisas sobre as histórias de professoras/es tomam como referência de trabalho os diferentes aspectos da/o profissional, através da tomada de consciência como possibilidade de reconhecimento dos saberes construídos e/ou constituídos durante a profissão.

Desse modo, esse estudo está situado numa abordagem qualitativa no campo das pesquisas em ciências humanas e sociais. A pesquisa qualitativa justifica-se por ser uma forma apropriada de alcançar a natureza de um acontecimento social.

Chizzoti (2006), afirma que a pesquisa em ciências sociais é uma busca sistemática e rigorosa de informações, com a finalidade de descobrir a lógica e a coerência de um conjunto, aparentemente, disperso e desconectado de dados para encontrar uma resposta fundamentada há um problema bem delimitado, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento em uma área ou em problemática específica.

Procurando responder os acontecimentos sociais e humanos, optou-se pela escolha do paradigma interpretativo de pesquisa. Com base nele, pretende-se desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação. Segundo Erickson (1989), essa investigação centraliza-se no significado humano da vida social e no seu esclarecimento e exposição por parte da/o pesquisadora/pesquisador. Logo, a natureza dessa pesquisa é qualitativa, cujas características tomam como ponto de partida uma análise mais aproximada do universo conceitual dos sujeitos envolvidos afirma Chizzoti (2006).

A pesquisa qualitativa atende de maneira mais adequada à busca de respostas para as indagações que motivaram a elaboração desse trabalho. Afinal, compreende o universo de significados, valores e atitudes, no âmbito de uma descrição/compreensão densa sobre as relações dos procedimentos e dos acontecimentos.

No campo da produção científica busca-se compreender os fenômenos e acontecimentos envolvendo os sujeitos e suas polissemias. Segundo Gil (1999) um conhecimento só pode ser considerado científico, à medida que utiliza operações mentais e técnicas capazes revelar sua análise. Uma das técnicas mais comum é o ouvir o que as pessoas vivenciam e/ou vivenciaram por meio da sua história de vida. De modo que Chizzoti (2005, p. 102) define que, “história de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida”. Esse tipo de procedimento favorece uma maior aproximação do pesquisador e do sujeito analisado, já que privilegiam as análises das experiências de interesse interpretadas pelas/os as/os próprias/os participantes.

O contexto no qual foi realizada essa pesquisa foi na cidade de Paulo Afonso-Bahia. Esta pesquisa foi realizada em diversos locais de atuação/transito das professoras escolhidas para a sua realização. Sendo assim, o momento da execução da pesquisa ocorreu na escola onde atuam as professoras e em suas residências, visando o acompanhamento e o caráter de proximidade e pessoalidade do objeto de pesquisa baseado nas histórias de vida. Para a realização dessa pesquisa, foram escolhidas três professoras que atuam no ensino fundamental II, com idade entre 35 a 52 anos. Todas têm cerca de 15 anos de profissão, cursaram magistério na modalidade do ensino médio nas escolas públicas e todas fizeram o curso de pedagogia na UNEB. Considerando que a presente pesquisa define-se, por uma abordagem qualitativa, o instrumento que facilitou a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta parte da pesquisa busca-se compreender, explicar e legitimar as questões que foram levantadas nos objetivos da pesquisa. Isso ocorre através da análise e interpretação de dados coletados a partir das entrevistas. Nesse trabalho será analisada uma das categorias de pesquisa, resultante da análise dos pesquisadores, qual seja: **Categoria I - Profissionalização docente, histórias e narrativas de vida das educadoras.**

As análises dos relatos de histórias da profissionalização das professoras comportam a aproximação de como cada uma dessas educadoras, a sua maneira, e do espaço que favoreceu falar, discutam processos que estão envolvidos na

constituição da profissionalização do ser professora, porque ser professora.

Para tanto, parte do que as professoras compreendem sobre o ensino, sobre suas funções, e sobre como ensinar origina-se de sua própria história de vida. A ação de a professora narrar sua própria história e trajetória de vida, é mais do que apresentar uma história sobre si, é uma atitude de conhecimento. Pois, trás a tona as vivências, as experiências e ainda os sentidos que as professoras dão por meio de seus relatos. Nóvoa (1992) diz que se faz necessário estimular as professoras a cultivar uma visão autorreflexiva caminho a autoformação de suas identidades. Josso (2010) menciona que as experiências significativas de aprendizagem compartilham da ação formadora da pessoa, uma vez que trazem experiências que representam modos, condutas, o saber-fazer que descrevem uma subjetividade.

Para tanto, nesta categoria buscamos entender através das falas das professoras de que forma se constituiu a profissionalização docente no decorrer das histórias e narrativas de vida das mesmas. É relevante destacar que a entrevista foi o contato mais próximo estabelecido com as professoras para a coleta dos dados. Não dá para desconsiderar que discorrerem sobre suas próprias histórias de vida, suas experiências, constitua em algo tão simples. Confiar que o que se tem para descrever para outra pessoa seja compensador e que o desafio está justamente em fazê-la, em apresentar a coragem de falar, foi um tanto difícil para as docentes. Le Grand-Séville (1998, p. 260) expõe que “o receio de desvendar aquilo que alguns se dedicam a calar e a ocultar é o medo de decepcionar aqueles que esperam muito de uma pesquisa como esta”. O que percebemos é que as primeiras falas estavam cheias de olhares, a espera de rejeição e/ou aprovação, assim também como houve momentos de silêncio, como se os pensamentos estivessem fugido. Já que as narrativas estavam cheias de anseios, sentimentos foram os momentos que revelaram suas convicções, expectativas e/ou suas insatisfações. Todavia, começamos a estabelecermos um relacionamento de confiança, e no decorrer das entrevistas as tensões iniciais logo deram lugar a uma maior desenvoltura e cuidado em esmiuçar as suas memórias/experiências para assim cooperar melhor com a pesquisa. Conforme relatos abaixo:

Professora Eunice: Morava em Morpará Bahia, quando eu vim foi para fugir do magistério porque lá só tinha magistério... as pessoas viam em mim o dom de professora, mas eu não via né... Antes de “escolher” estudar magistério eu estava estudando no CIEPA (Centro Integrado de Educação de Paulo Afonso) e lá eu estava com muita dificuldade no curso de eletrônica e tinha umas matérias que eu estava com muita dificuldade. Só que uma colega minha também estava com dificuldade e ela me convidou para fazer o curso de magistério... acabei sendo professora (risos). Na minha casa todos são professores, todos se formaram para serem professores. São quinze filhos que os meus pais tem e dos quinze, só três que não se formaram. Foi mais por influência mesmo. E eu vejo que a pessoa se apaixona.

Professora Flávia: Quando pequena eu já brincava de escolinha. E aí eu fui e quis fazer magistério... fiz o magistério. A maioria das minhas tias são professoras. Não é que todo mundo ficava vá ser professora, mas, assim a maioria das pessoas tinha como uma profissão comum, na minha família era uma profissão comum. Mas é pelo fato de gostar mesmo de criança, de brincar, de está ensinando, assim eu gosto... Tive a oportunidade de estudar fora e de ter outra profissão, mas, aí eu queria e o que me identificava era isso.

Professora Janete: Porque sou de família pobre e meus pais também tinham muitos filhos, e todos não tinham condições de estudarem. E também porque eu queria trabalhar logo assim que eu me formasse, queria já trabalhar pra ajudar na formação dos meus irmãos. Fiz o magistério. Professora era considerada uma pessoa bem importante na época, chamava muita atenção e como eu queria ser importante escolhi ser professora (risos).

Entre distintas e divergentes maneiras de enfrentar a profissão docente, entendemos que cada uma se percebe, se diz professora e como foram se constituindo de maneira bem diferentes uma das outras, mas, que em alguns momentos tiveram traços parecidos. De tal modo, o conhecimento de si, apresentado nos relatos dos trajetos trilhados por cada professora, evidenciaram extensões formativas e autoformativas, as quais aumentaram o entendimento das suas itinerâncias e de suas habilidades, os sentidos e conceitos formados e vivenciados ao longo da vida de cada uma.

A professora **Flávia**, faz menção que teve oportunidades favoráveis para escolher outra profissão, contudo, optou por

ser professora. Percebemos que a ação de escolha constitui parte de uma trajetória de vida bem como também uma trajetória profissional, assim como ressalta Lucchiari (1998) nesse sentido ao descrever que, a/o profissional está constantemente escolhendo, com maior ou menor liberdade, com maior ou menor consciência, com maiores ou menores condições, mas está sempre escolhendo. Assim, cremos que as escolhas são componentes mesmo fundamentais de um processo de formação e são as mesmas que determinam a característica da composição dessas professoras.

A professora ainda argumenta tal escolha pelo fato de **gostar de crianças.** Como consequência desse argumento, a questão do gênero, do ser mulher vem à tona, visto que, embora tenha já ocorrido várias mudanças no magistério, determinadas compreensões a respeito da profissionalização insistem em continuar inalteráveis. De modo que a “sexualização das profissões” prossegue presente até hoje Costa (1995). Pode-se perceber que através da fala da docente que o gostar e a desenvoltura de lidar com crianças seguem sendo um sinal estereotipado ainda com vigor para conduzir as mulheres à profissão docente. De maneira que, ao escolher ser professora, parece até que estariam as mulheres simultaneamente, e de modo determinado, escolhendo as “profissões ditas femininas”.

O gostar de crianças é apresentado muito frequentemente, pois, recordando alguns momentos em que já não estava mais sendo gravadas suas falas, as outras professoras (**Eunice e Janete**) relataram que também gostam de crianças. O atributo gostar foi apontado, assim como um agente que impulsiona o prolongamento na profissão e se agrega as particularidades pessoais das professoras.

É fundamental compreendermos que na vida das professoras **Eunice e Janete** a profissão docente não passou a existir de maneira espontânea, como se “o dom e ter vocação[1]” desenvolvessem, consequentemente do nascimento e já estivesse na própria essência das mesmas. Desfazer a declaração de que para ser professora é necessário nascer com um dom e ter vocação é sua função, é um fundamental início para procurar impor outros sentidos à “identificação” da profissão docente de uma maneira geral. O ser professora se constitui historicamente, ou seja, a ação em que uma pessoa se torna professora é histórica, ainda sem a desejar, pois Kramer (1994) diz que é no plural que se constitui o singular.

Diante do que a professora **Eunice** declara em seu depoimento fica claro que a sua escolha em fazer o magistério resultou do insucesso de não se “identificar” em um curso que, talvez, seja pelo fato de não ter se habituado aos cálculos, ou seja, a ciências exatas, mas também o que chama a atenção é que a mesma “*queria achar uma coisa melhor, ter um sucesso melhor na vida*”. Assim, estas perspectivas estão associadas aos status profissional e a pouca autenticidade de que desfrutava e/ou desfruta o magistério, descrições essas socialmente conferidas a esta profissão. Em um momento na entrevista perguntamos se hoje a mesma gosta de ser professora e a resposta foi: *Ôh! Demias!* Que após ingressar no magistério, passou a gostar da experiência e crer ser esta a profissão na qual deveria de fato estar.

O que fica perceptível na fala da docente **Janete** é que a mesma queria se profissionalizar em curto prazo e, encontrou no curso de magistério a chance de logo estar trabalhando para assim ajudar no sustento de sua família, além da satisfação em estar em uma profissão em que a pessoa era considerada importante. O que podemos observar é que a menção financeira foi citada como o fator determinante na “escolha” da constituição de sua profissão. Já, a importância do magistério era coerente ao caminho social desta professora, porquanto ao que tudo aponta, segundo outra declaração onde descreve que “*meu pai nunca levou a gente para a roça, ele dava prioridade que a gente fosse pra escola*”, morava em um local onde a maioria trabalhava com a terra, eram lavradores, à vista disso, ser professora neste lugar representava prestígio. Lelis (1996) revela que caracterizações sociais, por vezes são tão pequenas que acontecem despercebidas, vão determinar condutas e ações nas histórias de vida das pessoas. De maneira que, suas experiências vão demarcar sua área de possibilidades, de escolhas pessoais e profissionais, vão ajustar seu tipo de atuação.

Todas as professoras asseguram ter desenvolvido uma afinidade sentimental extremamente intensa com a profissão, inclusive aquelas cuja inclinação ao magistério é compreendida mais como produto das condições de vida do que como uma “aptidão”.

O que dá para perceber é que a identidade profissional docente se constrói por meio do significado que cada professora, enquanto autora percebe a ação docente no seu dia a dia a partir dos seus valores, de sua maneira de posicionar-se no mundo, de suas histórias de vida, de seus conceitos, de seus conhecimentos, de suas aflições e desejos, do sentido que tem em sua vida o ser professora. Conforme Pimenta (2002) se estabelece também a partir

das compreensões sociais, dos exames contínuos dos significados sociais da profissão e das inspeções das tradições. Logo, o ser professora é constituído ao longo de suas trajetórias como profissionais do magistério. Contudo, são nos processos das suas formações que são materializadas as escolhas e finalidades da profissão. Assim, o ser professora é constituído com as experiências e histórias pessoais, no coletivo e na sociedade.

Cavalcanti (2011, p. 9) revela que “a narrativa de vida tem uma maneira pessoal e social”. A maneira pessoal é uma narrativa que revela sua autora, ou seja, a narrativa tem as particularidades de quem narra. A maneira social aplica-se a que toda narrativa encontrar-se introduzida em um contexto social, de modo que os traços pessoais convertem-se espaços favoráveis de formação. Os conhecimentos individuais podem ajudar a perceber como anda parte da sociedade que nos cerca. Foi justamente isso que observamos na entrevista com as professoras. Que a narrativa de sua vida profissional era e/ou é a representação do contexto social em que as mesmas vivem/viviam. Uma vez que a experiência de uma pessoa pode oferecer vestígios de como se ampliou um processo social.

Assim, compreendemos que as experiências formadoras são constituídas a partir daquilo que cada professora experimentou enquanto ser social, e pelas ligações estabelecidas com a família, às histórias e sentimentos descrevendo as lembranças escolares, e que ao serem reconstruídas no baú de suas memórias significam fortes marcas na ação de sua formação, com notáveis resultados na sua prática docente.

A utilização das histórias de vida das professoras tornou uma probabilidade de reavermos, do passado das mesmas, experiências que pudemos conferir com a realidade, no propósito de refletirmos e compreendermos suas escolhas. Conforme Bosi (2004, p. 55), “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Desse modo, reformulamos suas próprias maneiras de ser e de permanecer professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que os aprendizados obtidos no decorrer da trajetória de cada professora não são habitualmente partilhados com suas colegas. De maneira que, se fossem partilhados poderiam colaborar para que cada professora e futuras gerações de professoras refletissem também em sua trajetória profissional com base na experiência da outra, gerando autoconhecimento de seu próprio desempenho, o que permitiria abrir novos caminhos, tornando-as mais independentes, críticas, autônomas e responsáveis a respeito da sua própria atuação. A relação com outra pessoa apresenta papel de destaque na constituição de uma ação de aprendizagem coletiva, instruindo as professoras a se descentralizarem de si própria.

Assim, torna-se de total relevância que as professoras tenham isso em mente e tenham esse espaço para narrar e contemplar simultaneamente com outras/os docentes a respeito de seu processo de formação profissional, de modo a colaborar para que as mesmas possam reconsiderar suas construções teóricas que de certa forma interferem direta e terminantemente em sua prática.

Porquanto, refletir com as professoras sobre seus aprendizados constitui oportunidades singular de realizar um diagnóstico da construção/desconstrução/reconstrução do seu próprio procedimento de profissionalização. Para tanto, este trabalho tem como intenção cooperar com as pesquisas e a reflexão da semelhança que existe em meio aos processos formativos, história de vida e aprendizados docentes.

Por isso mesmo, o ato de escutar as histórias de vida e narrativas das professoras não significou colocar em julgamento o trabalho desenvolvido por elas. Do contrário, ao final de cada entrevista foi evidenciado grata disposição que cada uma teve em dispor de seu tempo para narrar sua história de vida, comovida pela experiência de cada uma, em algumas me sensibilizei e todas me ensinaram e fizeram refletir sobre a profissão docente.

Por fim, é desejo desse trabalho contribuir para o melhor entendimento da formação de professoras/es e/ou futuras/os docentes, na finalidade de apreciar as Histórias de Vida como uma metodologia que tem como objetivo despontar diversos conhecimentos e experiências que formam as histórias de todos atores sociais situados na área pedagógica, capazes de refletir mudanças nas ações, bem como no entendimento da importância da profissão docente, seus processos de constituição frente aos dilemas do tempo presente

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BELLO, I. M. **Formação, profissionalidade e prática docente**. relatos de vida de professores. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.
- BOLIVAR, A. (Dir.). **Profissão docente: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p. 55.
- CAVALCANTI, Rejane M. Duran Dirques. **A narrativa docente: uma prática de formação**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 9.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 28.
- COSTA, Marisa C. Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- ERICKSON, F. Métodos qualitativos de investigação. In: WITTROCK, M. C. **La investigación de la enseñanza**, II. Barcelona – Boenos Aires – Mexico: Paidós, 1989.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOODSON, Ivo F. **Dar voz ao professor: histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Editora Porto, 1992/2000.
- HALBWASCHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução, Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JOSSO, Marie Cristine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.
- LE GRAND-SÉBILIE, C. **Como se lembrar de um lugar do segredo?** In: Projeto história. São Paulo. Tradução. Denise Bernuzzi de Sant'Ana. Nº 17. Educ. FAPESP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p.471.
- LELIS, Isabel Alice Oswald Monteiro. **A polissemia do magistério: entre mitos e histórias**. Tese de Doutorado. PUC – Rio de Janeiro, Julho, 1996.
- LUCCHIARI, Dulce Helena S. **O que é escolha profissional**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Editora Porto, 2007.
- NÓVOA, Antônio. Formação de professores e formação docente. In: **Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.
- _____. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.
- _____. (Org.). **Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1995, p. 15.
- _____. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Editora Porto, 2007, 19.
- _____. **Os professores e as histórias de vida**. In: NÓVOA, A. (org.). Vida de professores. Porto: Editora Porto, 2000, p. 15.
- PIMENTA, Selma G. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOUZA, Elizeu Clementino de; FORNARI, Liege Maria Sitja. Memória, autobiografia e formação. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papirus, 2008.
- _____. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre a história de vida em formação. **Revista educação em questão**, Natal, v. 25, n 11, jan./abr. 2006, p. 4.
- _____. **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão: narra a vida**. In: Educação. Porto Alegre, v. 34, n 2, 2011, p. 213, mai/ago. 2011.
- TARDIF, Maurice. **Saberes e formação profissional**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

[1] Professor da Universidade do Estado da Bahia, Campus VIII, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: vinnymil@yahoo.com.br

[2] Professor da Faculdade Sete de Setembro – FASETE, Mestre em Gestão do Desenvolvimento Local pela

Universidade de Pernambuco – UPE. E-mail: jacquesfs@hotmail.com

Recebido em: 13/07/2015

Aprovado em: 13/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: